



Juízo e perspectiva: a construção da imagem de Gregório de Matos e Guerra pela crítica literária no Brasil

Judgment and perspective: construction of Gregório de Matos e Guerra's image
by the literary criticism in Brazil

Jean Pierre Chauvin¹

Resumo: Os estudos a respeito da poesia atribuída a Gregório de Matos e Guerra polarizam seus estudiosos desde o século XVIII, no Brasil. O propósito deste artigo é refazer o percurso da recepção a este *corpus* poético, com vistas a mostrar como se construiu uma imagem polêmica e discutível a respeito do escritor e sua obra.

Palavras-chave: Gregório de Matos; sátira; recepção.

Abstract: Studies of the poetry attributed to Gregório de Matos e Guerra have polarized their researchers since the eighteenth century, in Brazil. The purpose of this article it is to retrace the route of the reception on this poetic *corpus*, in order to show how it was build a controversy and debatable image concerning the writer and his work.

Keywords: Gregório de Matos; satire; reception.

É fato curioso que, a despeito da grandeza do nome e a pujança de seus epítetos (“boca de inferno”, supuseram alguns; “boca de brasa”, sugeriram outros), Gregório de Matos e Guerra (1636 – 1695) tenha sido sucintamente biografado, e apenas no início do século XVIII, sob a pena artificial do licenciado, e também mui douto, Manuel Pereira Rabelo. Para este, Gregório fora o “mestre de toda a poesia lírica por especial” e, ao mesmo tempo, combatente ácido de “toda hipocrisia” (RABELO, 1999, p. 1257)

A biografia sobre o “excelente doutor Gregório”, que abre o Códice manuscrito das poesias atribuídas ao poeta, possivelmente contribuiu para a dupla “etiqueta” (HANSEN, 2004) que, uma vez adesiva, passou a acompanhar o homem e seus versos. Primeiramente, atribuiu-se um nome, uma autoria (teoricamente unívoca e pouco original) a produções amplas e multivariadas, abrangendo temas, naturezas e gêneros de composição sabidamente diversos.

¹ Pesquisador de Pós-Doutorado junto ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob supervisão de Hélio de Seixas Guimarães. Professor da Fatec São Caetano do Sul e Coordenador do curso de Letras na Faculdade Diadema. Afiliado à União Brasileira de Escritores.

Concomitantemente, Rabelo deixou a pista – trilhada com bastante afinco pela crítica posterior – de que, dada a quantidade de poemas, poder-se-ia subclassificar a obra de Gregório, reagrupando-a em novas divisões temáticas, especialmente a sátira, a lírica e a sacra. Por sinal, em pelo menos duas coletâneas – uma organizada por José Miguel Wisnik, nos anos de 1970; outra, de Iuri Pereira, em 2013 – tal subclassificação seria mantida, quando não ampliada em outros e novos termos: poemas “devocionais”, “descritivos” ou “morais”, para mencionar alguns novos exemplos.

Afora a atribuição de matérias variegadas (em concomitância com tese puristas quanto ao gênero), à produção gregoriana, outro item que causa igual ou maior estranheza é que o breve texto que seu primeiro biógrafo compôs – parte dele amparado em testemunhos de pessoas relativamente distantes do poeta baiano – tenha grassado como início e verdade; caminho e dogma: senda artificial para os estudiosos de Gregório de Matos, especialmente a partir da segunda metade do século XIX.

Como se sabe, isso favoreceu uma aproximação prejudicial e forçada entre os seus ralos dados biográficos e a poesia que ele produziu, já que o poeta baiano teria plagiado, copiado ou imitado os espanhóis em seus versos, a exemplo dos sacrílegos.

Dito isto, deve-se lembrar que Francisco Adolfo de Varnhagen deu início à propagação do nome e da poesia atribuída a Gregório, que o incluiu em seu pomposo *Florilégio da poesia brasileira*, de 1850. A publicação desta compilação foi fundamental para que os textos chegassem até nós.

Decorre daí uma tintas com que se passou a reproduzir a imagem do poeta, talvez melhor percebida hoje. Assim, quanto mais conhecidos e recitados os textos atribuídos a Gregório, a circular pela fausta corte luso-brasileira, mais se animou a crítica romântica e posterior em lançar especulações – em grande parte, desmedidas – vinculando o suposto temperamento lascivo e maledicente do advogado e teólogo baiano ao fel de seus versos.

Na transição do século XIX para o seguinte, Araripe Júnior descreveria o homem (e não a *persona* poética) em lugar e detrimento da obra (ficção, representação, arte), cuja autoria lhe era atribuída. Adepto das teorias tainianas, que vinculavam homem, obra e ambiente, seu alvo era duplo: primeiro desqualificar o autor, negando a comparação de Gregório com Rabelais: “Pessimista, objetivo, alma maligna, caráter rancoroso, relaxado por temperamento e costumes, o poeta verte fel em todas as suas sátiras.” (ARARIPE JR., 1978, p. 281)

Sem espaço para a revisão de critérios, ao abordar a poesia e o homem, nem ao menos para uma análise mais atenta e isenta de sua obra, Araripe vincula os traços fisiológicos ao gênero satírico, inferiorizando tanto um quanto o outro; tanto o objeto

quanto o seu autor: “A sátira, antes de ser um fenômeno social e literário é um fator fisiológico. Imitação do forte, sadio e triunfante, contra o fraco que se arrasta na sua incompetência.” (ARARIPE JR., 1978, p. 282)

No início do século XX, Ronald Carvalho mencionaria o grau “desabusado de suas sátiras de brasa” (CARVALHO, ed. 1968, p. 100). Oliveira Lima destacaria a nacionalidade do poeta, “brasileiro no irritante sabor local e no espírito desafetadamente diferenciado.” (LIMA, ed. 1984, p. 128).

Ainda naquele tempo, João Ribeiro (ed. 1964) desqualificaria a poesia atribuída a Gregório, supondo descobrir nela diversos débitos do poeta, especialmente para com os espanhóis Gôngora e Quevedo. Assim, Gregório de Matos teria composto versos genuinamente espanhóis e barrocos e, por extensão, passaria a receber a alcunha de plagiador de uns e adepto do cultismo: termo não exatamente bem definido pela crítica, nos decênios que se seguiram.

Seguindo a trilha aberta por Ribeiro, no final dos anos 30, Sílvio Júlio voltaria à carga contra a poesia gregoriana. Em sua coletânea de ensaios, dedica pelo menos dois estudos a reafirmar, ainda com maior ênfase, a caracterização do plágio na obra do poeta baiano.

Moldagem crítica

Como se vê, aos poucos cristalizava-se a imagem de um versejador lasso, devasso, invejoso e materialmente pobre. Esse estado de coisas não sofreu grandes alterações em seu estatuto, ao longo do século XX. O austríaco Otto Maria Carpeaux, em sua *História da Literatura Ocidental*, publicada originalmente em 1959, contribuiu para que se associasse o caráter biográfico dos letrados barrocos à sua obra, de maneira geral e generalizante:

“Ainda existem manuais de literatura espanhola e inglesa nos quais o estilo de Gôngora é explicado por uma doença mental do poeta.” (CARPEAUX, ed. 2012, p. 20). Os ecos da crítica predecessora se fazem ouvir. Como não lembrar do que afirmavam os historiadores de nossa literatura, a respeito do caráter supostamente doentio de Gregório de Matos e Guerra?

Em seguida, Carpeaux reconhece alguma imprecisão nas tentativas de se classificar o período Barroco, nos termos em que propusera o alemão Heirich Wölfflin, ao final do século XIX. Otto Maria reflete: “não se trata de definir o Barroco; é impossível definir em uma fórmula exata um fenômeno tão complexo como um estilo” (CARPEAUX, ed. 2012, p. 25).

Como se nota, o crítico passa de um extremo (o rótulo em que nem tudo cabe) a outro: a especificidade, paradoxalmente enfermada por um “estilo”: termo empregado de modo genérico, pois se trata da combinação de “solenidade majestosa e naturalismo brutal; artifício sutil e visão mística” (CARPEAUX, ed. 2012, p. 28).

Na passagem para a década de 70, José Aderaldo Castello afirmaria que a produção gregoriana “Reparte-se entre a poesia lírica, religiosa, amorosa e a prosa satírica, tendo repousado toda a sua fama nesta última, reiteradas vezes associada ao poeta boêmio, talvez desregrado e frustrado, cheio de revoltas, que foi Gregório de Matos e Guerra.” (CASTELLO, ed. 1975, p. 76)

Já em relação à poesia em si, o crítico sentencia, categórico: “tudo se desenvolve sob processos técnicos e expressivos, frequentemente artificiosos, que caracterizam o estilo barroco” (CASTELLO, ed. 1975, p. 77). Fiel à tradição crítica iniciada durante o nosso Romantismo, no século anterior, José Aderaldo corrobora o caráter plagiário e de imitação de Gregório de Matos, na tradução de Gôngora: “Ilustre y hermosíssima Maria” converte-se, segundo os versos do brasileiro, em “Discreta, e formosíssima Maria” (CASTELLO, ed. 1975, p. 80)

Em 1975, José Miguel Wisnik organizou aquela pode ser considerada uma boa compilação dos poemas atribuídos a Gregório - orientado que o musicista estava pelos pressupostos didáticos da coletânea - e favorável ao resgate da obra do poeta baiano. No entanto, para o crítico, Gregório revelava uma “mentalidade jesuítica”, tendo “consciência dividida entre moral pública” e “a prática sensual, privada” (WISNIK, ed. 2010, p. 19)

Dois anos depois, em *De Anchieta a Euclides*, José Guilherme Merquior sugeriu que Gregório de Matos devia a sua poesia débil à “moral frouxíssima da colônia” (MERQUIOR, ed. 1996, p. 33). No ano seguinte, saiu a primeira edição de um popular manual escolar de Domício Proença Filho que, bem aceito em escolas, pré-vestibulares e mesmo faculdades, chegou a sua sétima edição em 1983.

Nele, além de ratificar a filiação de Gregório – homem de pressupostos jesuítas e poesia truncada – aos chamados cultistas espanhóis, supõe que os torneios intelectuais do período se devessem grandemente ao fato de “novos princípios ideológicos estarão marcando o homem da época à luz, sobretudo, da tensão que envolve teocentrismo e racionalismo.” (PROENÇA, ed. 1983, p. 138).

Em seu capítulo intitulado “Barroco”, Domício aponta algumas dentre as principais características - tanto genéricas quanto imprecisas – a respeito do “movimento”. Comparecem, sem qualquer pejo, os conhecidos e já cristalizados substantivos típicos

nos manuais panorâmicos de literatura brasileira, que ainda hoje reproduzem tais estereótipos.

A arquitetura, as artes plásticas e a produção textual do período revelariam tratar-se de produtos de natureza dicotômica e mentalidades divididas, eivados de “contraste”, “pessimismo”, “fusionismo”, “nihilismo temático” (o que quer que esta expressão pretendesse significar), “solidão” - entre outros rótulos, alçados ao estatuto da fórmula pró-vestibular. A lista se completa com a problemática afirmação de que em Gregório de Matos, e no Barroco em geral, vale mais o “impulso pessoal que as normas ditadas por modelos”. (PROENÇA FILHO, ed. 1983, p. 139)

Em 1983, Heitor Martins sugeriria a existência de “outros manuscritos (...) em bibliotecas portuguesas” e lamentava o fato de que “Nenhum trabalho realmente exaustivo” fora “feito até o presente.” (MARTINS, 1983, p. 239)

Uma possível resposta apareceria dois anos depois. 1985 é o ano que marca o aparecimento de uma obra que pretendia maior rigor analítico, em relação aos estudos a respeito da obra gregoriana. Com Gregório de Matos: o boca de brasa, João Carlos Teixeira Gomes propunha que fossem revistos os critérios atribuídos até então pela crítica, quanto aos plágios e imitações do poeta baiano.

Apesar dos limites encontrados pelo estudioso, trata-se de uma das primeiras discussões a relativizar as categorias de “cópia”, “plágio”, “autoria” e “originalidade” (GOMES, 1985), tendo em vista a apreciação da conjuntura histórica das Letras, no tempo em que viveu Gregório de Matos. Para ele, seria “fantasioso afirmar-se que houvesse por detrás” da produção do poeta, “necessariamente, um patriota convicto.” (GOMES, 1985, p. 347)

No entanto, há algumas imprecisões por parte do crítico, que em lugar de desfazer o possível equívoco quanto ao primeiro epíteto que se aderiu ao poeta (“boca de inferno”), sugere outros - “poeta-foice” (1985, GOMES, p. 11 e ss.), dentre os quais, boca de brasa (GOMES, 1985), com que retoma a expressão utilizada por Ronald de Carvalho, em 1919, e intitula o seu próprio livro, inclusive.

No ano posterior, à publicação do estudo de Teixeira Gomes, Fábio Lucas propôs – durante um Simpósio realizado em Salvador - que os estudiosos devessem levar em conta a preeminência da “etiqueta de poeta barroco” (LUCAS, 1989, p. 9), conferida ao poeta baiano. O ensaísta observava que a produção atribuída a Gregório de Matos nascera em um contexto social febril e desorganizado, malgrado o forte aparato burocrático e hierárquico. Na Bahia de Gregório haveria três classes sociais,

substancialmente: “os donos da terra, os servos da terra e a burocracia urbana.” (LUCAS, 1989, p. 13)

Vale recordar que Gregório era versado em leis e cânones, com formação sólida e notadamente erudita; e que, apesar de suas qualificações para a doutrina (o Vicariato) e o efetivo exercício do Direito, ele teria pago os abusos de sua pena e vadiagem com a marginalidade social e a miséria material, como sugerira José Veríssimo, no início do século XX, encorpando o coro em consonância com Araripe Júnior: “sujeito douto, que se vira bem aceito no Reino (...) se encontrou mal aqui, por outro lado a sua índole desabusada, solta” (VERÍSSIMO, ed. 1963, p. 70)

Poesia como representação

Felizmente, os estudos a respeito da poesia atribuída a Gregório de Matos encontram-se em outro patamar, tanto em termos de estudo crítico, quanto em relação ao caráter histórico que permeava a composição de poesia e outras artes, no século XVII.

Fruto de intenso e rigoroso trabalho com os manuscritos encontrados em arquivos (não exclusivamente no estado da Bahia), João Adolfo Hansen teve o mérito incontestado de reposicionar a questão Gregório de Matos e Guerra, deslocando-a do viés biográfico e classificatório, até então propalado e reproduzido pelos críticos anteriores. Em *A sátira e o engenho* (1989), ele propõe que os estudos concernentes à poesia gregoriana deveriam levar em conta o contexto cultural e histórico de sua produção.

Para o ensaísta, além do problema relativo à autoria dos poemas em si – conceito este que passou a vigorar somente no final do século XVIII, sob a égide dos românticos alemães – haveria que se ler a sua poesia considerando-a como um corpus sujeitos à atribuição de um nome – ele mesmo, por sinal, resultante da configuração de uma *persona* -; e não como resultado obrigatório emanado de modo impulsivo e doentio, de um autor empírico.

Seria preciso, em suma, considerar outras formas de mediação e representação do próprio ato de se compor versos, inserido em um conjunto de repertórios manejados pelos letrados baianos no século XVII: padres, burocratas ou poetas, considerando que as poesias circulavam em folhas volantes, e sujeitas a múltiplas versões, advindas das transcrições muitas vezes de memória.

Nesse sentido, Hansen faz a ressalva aos estudiosos predecessores, a exemplo de João Ribeiro e o já mencionado Sílvio Júlio, que haviam enfatizado os supostos plágios cometidos pelo poeta, sem levar em conta o fato de que os textos produzidos pelos raros homens letrados daquele tempo combinavam o emprego consciente de artifícios retóricos,

pautados que estavam pela tradição sistematizada por Aristóteles (IV a.C.), Cícero (I a.C.) e Quintiliano (I d.C.) – manuais, entre tantos outros, que constavam dos estudos relacionados tanto à teologia, quanto à jurisprudência.

Sob sua perspectiva, a pretensa crítica à “falta de originalidade” do poeta – pressuposto e motivo para a sanha e imprecisão dos estudos sobre a obra gregoriana – mereceria ceder lugar a uma análise que estabelecesse novos critérios para a leitura do corpus poético etiquetado Gregório de Matos, objetivando uma edição crítica de sua obra, nascida em meio à cultura escribal (ou manuscrita), como se vê na obra de Marcello Moreira - em seu minucioso trabalho (MOREIRA, 2011) -, considerado um segundo marco na recepção crítica aos textos atribuídos ao poeta seiscentista.

João Adolfo sugere ainda que não tomemos a palavra “origem” em seu sentido romântico, ou seja, como sinônimo imediato para originalidade, “autoria ou novidade estética” (HANSEN, 2004, p. 33), por se tratar de um pseudo critério – sobretudo pautado por uma concepção anacrônica e “a-histórica” da literatura colonial. Melhor dizendo, das Letras produzidas durante um tempo chamado, a posteriori, de Colônia Luso-Barroca, na América Portuguesa.

Desde que a crítica literária constituiu-se entre nós, nota-se que boa parte de nossos pesquisadores, de fato, orientaram as suas releituras e impressões a respeito da poesia gregoriana com vistas à investigação de sentimentos nativistas e propósitos teleológicos da obra em si – com dois séculos de antecedência ao que viria a ser o Romantismo inicial, por aqui, em sua fase e feição indianista de tintas européias.

Além disso, o próprio nome que se conferiu ao movimento artístico e cultural, quase invariavelmente chamado Barroco, mereceria ser revisto, segundo o crítico, uma vez que ele foi cunhado pela crítica em momento bem posterior àquele em que circularam homens, auditório e obras avulsas, no momento de sua produção.

Amostra

Compreendidos como representações no plano da *arte*, no sentido clássico do termo entre os gregos antigos (*técnica*, *artifício*), os poemas satíricos de gregorianos ganhariam em valor e entendimento, se ultrapassássemos a leitura de modalidade até certo ponto binária que, em muitos estudiosos persiste, ou seja, a de vincular o homem e sua vida supostamente desregrada e marginal à produção de mágoas em forma metrificada.

A tendência resvala em enxergar em Gregório um sujeito supostamente à mercê do próprio ambiente colonial que criticava, e no qual sobreviveu, apontando sua pena ferina

contra variegadas injustiças: “Neste mundo é mais rico quem mais rapa.” (MATOS, ed. 2013, p. 48) Em diversos poemas, o autor ironiza a posição de fachada, mal sustentada por seus conterrâneos: “Bote a sua casaca de veludo,/E seja capitão sequer dois dias”. (MATOS, ed. 2013, p. 51)

Evidentemente, nem si de indumentária e trejeitos reveste-se o artifício de parecer um homem bom, poderoso ou bem-sucedido, entre o engenho e a casa grande. Como ensina a prática entre as gentes da Bahia no Seiscentos, cumpria elevar o vocabulário e os modos de se exprimir-se, especialmente perante o coletivo:

“Que em dizendo facção, pretexto, efeito
Será no entendimento da Bahia
Mui fidalgo, mui rico e mui discreto.” (MATOS, ed. 2013, p. 51)

Provável conhecedor dos preceitos retóricos e, em particular, das ideias disseminadas pelo tratado de Baltasar Gracián, *Arte de engenho da agudeza* (1642), Gregório emprega o termo “discreto” não como mero adjetivo, mas como condição objetivada pelos homens desprovidos de classe, conversação ou engenho, nascidos na colônia.

Vale lembrar que, para o tratadista espanhol, o homem discreto caracterizava-se pelo entendimento (ou juízo) do que o poema diz e, simultaneamente, dos expedientes retóricos que pautavam os versos, fossem lidos, fossem ouvidos (SARAIVA, 1980).

Portanto, malgrado a produção de Gregório de Matos tenha sido considerada algo levianamente por uma parcela de seus estudiosos, supondo-o que fosse um homem que agisse invariavelmente por impulso e mágoa, contra os habitantes da colônia, não parece haver dúvida de que em suas composições satíricas, os sólidos conhecimentos sobre a arte poética (de Aristóteles e Horácio, para mencionar apenas dois manuais) e retórica, casavam-se às composições de relativo improviso, que tinham lugar em saraus, sob a forma de desafios poéticos.

Querem-me aqui todos mal,
mas eu quero mal a todos.
eles, e eu por vários modos
nos pagamos tal por qual.

E querendo eu mal a quantos

me têm ódio tão veemente,
o meu ódio é mais valente,
pois sou só, e eles são tantos.

Algum amigo, que tenho,
se é, que tenho algum amigo,
me aconselha, que o que digo,
o cale, com todo o empenho.

Este mo diz, diz-me outro,
que não fie daquele;
que farei, se me diz dele,
que não me fie aqueloutro? (AMADO, 1999, p. 1257)

No poema transcrito acima, a partir da edição de James Amado, composto pelo poeta em atenção ao desembargador Cristóvão de Burgos na década de 1680 - quando do retorno de Gregório de Matos ao Brasil -, observa-se que o assunto pertence ao gênero baixo e, dessa maneira, está adequado ao gênero satírico da maledicência. Em uma palavra, o poeta metrifica e dispõe o murmúrio dos habitantes em rimas opostas (ABBA/BCCB etc), combinando teor, expressão e estrutura em analogia a uma cena, provavelmente costumeira nos desvãos da “triste” cidade da Bahia.

Na primeira estrofe, a voz que entoia os versos anuncia a matéria da discussão em curso. Na quadra seguinte, atribui aos outros a responsabilidade pelo desafeto que sente (e ao qual reage com maior competência), talvez realçado pela presença de um cacófato no segundo verso.

Já na terceira estrofe, afeta reproduzir o suposto diálogo com um amigo, cujo estatuto será relativizado na quadra final, em que – exceção feita ao próprio poeta, douto, observador perspicaz e entendido em artifícios e artes de bem dizer – não restam homens confiáveis, nem um amigo nem o outro.

A própria estrutura do poema, nas duas primeiras estrofes – em que se alternam as responsabilidades dos homens que murmuram coisas sem fundamento ou credibilidade -, parece reforçada pelo emprego de vogais abertas (/a/) e médias (/ê/), contrapostas às fechadas (/ô/).

Da leitura deste poema, pode-se inferir que houvesse uma autêntica retórica da maledicência em Gregório de Matos, o que implicaria considerar a escrita dos versos não

como mero desabafo, ou fruto de uma mentalidade supostamente doentia, mas como exercício resultante de uma prodigiosa memória, capaz de mobilizar variados modelos e repertórios, em sua decorosa adequação ao gênero satírico (fosse para vituperar, fosse para maldizer).

Talvez para um leitor de hoje, pouco acostumado à leitura de Gregório, situado em seu tempo histórico, valesse a pena lembrar que a aparente improvisação, que presidia os encontros e saraus de que o poeta participava, casava-se à poderosa educação jesuítica, ao conhecimento dos trâmites reinóis e processos de enriquecimento súbito na Bahia, a que o poeta baiano assistiu e neles interveio, com variadas lentes de aumento.

Bibliografia

- ARARIPE JÚNIOR, T. de A. Gregório de Matos. In: BOSI, Alfredo. (Org.) **Araripe Júnior: teoria, crítica e história literária**. São Paulo: Edusp, 1978.
- CARPEAUX, O. M. **O Barroco e o Classicismo**. Vol. 4. São Paulo: Leya, 2012. [Publicado originalmente como *História da Literatura Ocidental*, em 1959]
- CASTELLO, J. A. **Manifestações literárias no período colonial**. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1975.
- CARVALHO, R. de. **Pequena história da literatura brasileira**. 13ª ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., Editores, 1968.
- GOMES, J. C. T. **O boca de brasa** (um estudo de plágio e criação intertextual). São Paulo: Vozes, 1985.
- HANSEN, J. A. **A sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII**. Campinas: Unicamp; Cotia: Ateliê Editorial, 2004.
- JÚLIO, S. **Reações na literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Livr. H. Antunes, 1938.
- LIMA, O. **Aspectos da literatura colonial brasileira**. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Brasília: INL, 1964.
- LUCAS, F. **A hipótese Gregório de Matos e o Barroco**. In: _____. **Do Barroco ao Moderno**. São Paulo: Ática, 1989.
- MARTINS, H. **Do Barroco a Guimarães Rosa**. Belo Horizonte: Itatiaia; Brasília: INL, 1983.
- MATOS E GUERRA, G. de. **Desengano da vida e outros poemas**. São Paulo: Hedra, 2013. [Seleção de Iuri Pereira].
- MERQUIOR, J. G. **De Anchienta a Euclides**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

MOREIRA, M. **Critica textualis in *Caelum Revocata*?**: Uma proposta de edição e estudo da tradição de Gregório de Matos e Guerra. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

PROENÇA FILHO, D. **Estilos de época na literatura**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 1983.

RABELO, M. P. **Vida do excelente poeta lírico, o doutor Gregório de Matos Guerra**. In: AMADO, James. **Gregório de Matos: obra poética**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

RIBEIRO, J. **O fabordão** (crônica de vários assuntos). Rio de Janeiro: Livraria São José, 1964.

SARAIVA, J. A. **O discurso engenhoso**. São Paulo: perspectiva, 1980.

VARNHAGEN, F. A. de. **Florilégio da poesia brasileira**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1850.

VERÍSSIMO, J. **História da literatura brasileira**. 4ª ed. Brasília, Editora da UnB, 1963.

WISNIK, J. M. **Prefácio**. In: GREGÓRIO DE MATOS. **Poemas escolhidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.